

NOVAS CAPTURAS,
ANTIGOS DIAGNÓSTICOS NA
ERA DOS TRANSTORNOS



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

CECÍLIA AZEVEDO LIMA COLLARES
MARIA APARECIDA AFFONSO MOYSÉS
MÔNICA CINTRÃO FRANÇA RIBEIRO
(ORGANIZADORAS)

NOVAS CAPTURAS,
ANTIGOS DIAGNÓSTICOS NA
ERA DOS TRANSTORNOS

MEMÓRIAS DO II SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EDUCAÇÃO MEDICALIZADA: DISLEXIA, TDAH E
OUTROS SUPOSTOS TRANSTORNOS



MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos : memórias do II seminário internacional... / Cecília Azevedo Lima Collares, Maria Aparecida Affonso Moysés, Mônica Cintrão França Ribeiro (organizadoras). – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013.

ISBN 978-85-7591-272-0

1. Crianças com transtorno de déficit de atenção 2. Psicologia infantil 3. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade 4. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade – Diagnóstico 5. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade – Tratamento I. Collares, Cecília Azevedo Lima. II. Moysés, Maria Aparecida Affonso . III. Ribeiro, Mônica Cintrão França . IV. Título.

CDD-618.928589

13-00937 NLM-WS 350

Índices para catálogo sistemático:

1. Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade :
Diagnóstico e tratamento : Neuropsiquiatria infantil :
Pediatria : Medicina 618.928589

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
foto de capa: Marina Meirelles Gomide

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1a edição

julho/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.	9
<i>Carla Biancha Angelucci</i>	
APRESENTAÇÃO	15
LA (RE)CREACIÓN DEL CONSUMIDOR DE SALUD Y LA BIOMEDICALIZACIÓN DE LA INFANCIA	21
<i>Celia Iriart</i> <i>Lisbeth Iglesias-Rios</i>	
MEDICALIZAÇÃO: O OBSCURANTISMO REINVENTADO	41
<i>Maria Aparecida Affonso Moysés</i> <i>Cecília Azevedo Lima Collares</i>	
INDÚSTRIA FARMACÊUTICA E MEDICALIZAÇÃO	65
<i>José Gomes Temporão</i>	
O CONHECIMENTO NA ERA DOS TRANSTORNOS: LIMITES E POSSIBILIDADES	79
<i>Inês Barbosa de Oliveira</i>	
MEDICALIZACIÓN DE LA INFANCIA A TRAVÉS DEL ANÁLISIS DEL TRASTORNO POR DÉFICIT DE ATENCIÓN CON HIPERACTIVIDAD (TDA/H) EN ARGENTINA: USUARIOS, PSICOFÁRMACOS Y MANUALES DE DIAGNÓSTICO.	93
<i>Silvia Faraone</i> <i>Eugenia Bianchi</i>	

OS BIO-DIAGNÓSTICOS NA ERA DAS CIDADANIAS BIOLÓGICAS.	109
<i>Luciana Vieira Caliman</i>	
USOS BIOPOLÍTICOS DO SUPOSTO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: QUE LUGAR PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA INFÂNCIA?	119
<i>Gisela Untoiglich</i>	
POLÍTICAS DA VIDA HOJE: O “FENÔMENO” BULLYING OU COMO RECUSAR O QUE SOMOS	133
<i>Giovanna Marafon</i>	
¿MEDICINA & MARKETING Ó MARKETING EN MEDICINA?	149
<i>León Benasayag</i>	
MUITOS COMEÇOS PARA MUITAS HISTÓRIAS	169
<i>Maria Teresa Esteban</i>	
UMA NOVA CRIANÇA EXIGE UMA NOVA ESCOLA.	181
<i>Lucia Masini</i>	
UMA NOVA CRIANÇA EXIGE UMA NOVA ESCOLA: A CRIAÇÃO DO NOVO NA LUTA MICROPOLÍTICA	191
<i>Adriana Marcondes Machado</i>	
O QUE DIZEM OS PROJETOS DE LEI SOBRE DISLEXIA E TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR	203
<i>Felipe Oliveira</i> <i>Marilene Proença Rebello de Souza</i>	
ANORMAIS DO DESEJO: OS NOVOS NÃO-HUMANOS? MEDICALIZAÇÃO E BIOPOLÍTICA – SINAIS QUE VÊM DA VIDA COTIDIANA E DA RUA	221
<i>Emerson Merhy</i>	
LA INFANCIA Y LOS “TRASTORNOS”	233
<i>Beatriz Janin</i>	

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF? SOBRE O DOMÍNIO DE LINGUAGENS E ARTEFATOS NA CONTEMPORANEIDADE	247
<i>Nilda Alves</i>	
MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E RACISMO DA INTELIGÊNCIA	259
<i>Rosa Soares Nunes</i>	
MEDICALIZAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, AVALIAÇÃO E METAS DE DESEMPENHO	271
<i>Roberto Leher</i>	
PROBLEMAS COM A MEDICALIZAÇÃO DA DISLEXIA	293
<i>Steven L. Strauss</i>	
EDUCAÇÃO SEM ENXADA E SEM RITALINA: ALFABETO, ALFABETIZAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO	311
<i>João Wanderley Geraldi</i>	
MEDICALIZACIÓN Y DERECHOS HUMANOS	323
<i>Marcelo N. Viñar</i>	
SOBRE AS ORGANIZADORAS E OS AUTORES	337

PREFÁCIO

Um livro que reflete as interlocuções constituídas a partir das inúmeras atividades realizadas pelo Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Nele encontraremos contribuições de diferentes disciplinas do conhecimento, abordagens teóricas e experiências de atuação profissional. Somos psicólogos(as), educadores(as), médicos(as), fonoaudiólogos(as), biólogos(as), sociólogos(as), linguistas. Somos brasileiros(as), portugueses(as), estadunidenses, argentinos(as), uruguaios(as). Somos profissionais que se dedicam à produção de conhecimento e de estratégias de intervenção junto a muitas esferas da vida humana que vêm sendo medicalizadas.

Este conjunto de trabalhos, todos relacionados ao *II Seminário Internacional A Educação Medicalizada: dislexia, TDAH e outros supostos transtornos*, reafirma determinados compromissos com a atuação profissional, quais sejam: o reconhecimento da diferença como valor fundamental, que complexifica e enriquece nosso processo de desenvolvimento individual e coletivo; a valorização da dimensão subjetiva, que comporta construções de sentidos específicos, relacionadas a trajetórias de vida; e também, como aspecto complementar e não oposto, a reafirmação do cuidado com os processos sociais, que são responsáveis pela oferta de condições e determinações na constituição de subjetividades.

Assumir tais compromissos significa colocar nossos conhecimentos a serviço de um determinado projeto de convivência humana, que faça avançar a democracia e as garantias de direito. Trata-se, assim, de uma

compilação de exercícios de explicitação daquilo que se encontra velado nos contextos de “adoecimento” na contemporaneidade e exposição de outras formas de conceber as diferenças humanas.

A vida atual é uma tentativa de poema a partir da cotidianidade

Jornada de trabalho; trabalho remoto (via internet, celular etc.); constante sensação de ameaça; preocupação com “quanto tempo suporte esse ritmo de vida”; necessidade de ser criativo, multifuncional; ter conhecimento aprofundado e amplo; ter experiência e ser jovem e ser maduro e aberto a novas aprendizagens. É preciso: ter um plano de previdência e saber aproveitar o momento; entregar-se à carreira e acompanhar as aulas de ballet, judô, circo, inglês ou mandarim, bem como fazer a lição de casa (cada vez mais interativa) com seus/suas filhos(as). Há também que se garantir o desenvolvimento perfeito das crianças, proporcionando terapias de linguagem, estimulação cognitiva, incentivo à criatividade e ampliação da afetividade, entre outras.

As crianças também têm jornadas intensas: devem responder aos anseios dos(as) adultos(as) – familiares e educadores(as) – de que possam se tornar adultos(as) inteligentes, experientes, comportados(as), inventivos(as), livres, organizados(as), competentes e habilidosos(as). Após a escola, o trabalho da infância continua: música, futebol, *street dance*, arborismo, culinária saudável, reciclagem, RPG, expressão corporal, psicoterapia, consulta médica e fonoaudiológica... . E a lição de casa! Sem nos esquecermos de garantir momentos de convivência feliz entre os(as) familiares e do envolvimento familiar nos jogos educativos.

Alguns/Algumas poderiam questionar se tal elenco de exigências é prerrogativa apenas das camadas médias da população. Sem dúvida, o acesso aos serviços de Saúde, aos bens culturais, às propostas educacionais complementares está, em nosso país, ainda hoje, bastante distante da população pauperizada. Entretanto, as cobranças de qualificação, superespecialização, investimento familiar, desenvolvimento de competências e habilidades, adensamento de laços afetivos intrafamiliares, participação comunitária etc. permanecem. Permanecem as exigências sem a esperança

de se verem atendidas por um grande contingente das pessoas pobres de nosso país. São filas de pessoas à procura de cursos, de pós-escolas, de profissionais de Saúde, de escolas de esporte ou de arte... São inúmeros os processos disparados junto ao Ministério Público, buscando a garantia de acesso aos atendimentos, aos medicamentos, aos especialistas. São anos de expectativas acumuladas em relação ao aumento das possibilidades de “competitividade” no trabalho ou de oferecimento de condições de futuro mais estável para seus/suas filhos(as). São intensas expectativas depositadas sobre o atendimento psicológico, médico, fonoaudiológico, para que, enfim, alguém possa orientar sobre o que se fazer da própria vida ou da vida daquele(a) familiar que tanto nos preocupa ou, muitas vezes, que tanto medo nos desperta.

Três pontos sobre a medicalização

Primeiro ponto: Os modos de vida nos fazem adoecer! Isso já tem sido discutido há inúmeras décadas, por diversos campos da ciência. É essencial reconhecer este processo para reestabelecemos a legitimidade das tantas pessoas que desenvolveram processos de adoecimento derivados das formas de viver – e principalmente de trabalhar presentes em nosso mundo. Haja vista toda a discussão feita nos campos da saúde do(a) trabalhador(a), da sociologia da vida cotidiana, do biopoder, entre outros.

Segundo ponto: O conjunto composto pelas formas de sentir, pensar, perceber e se expressar que constitui a cultura, estabelece o que se espera de uma pessoa, o que se aceita em termos de comportamento e atitude, assim como regula o que se entende por normal e saudável. A essa discussão as Ciências Sociais e a Psicologia também nos apresentaram há muitos anos, basta reencontrarmos os estudos sobre estigma, relações grupais, minorias sociais.

Terceiro ponto: ao se estabelecer como cultura hegemônica, esse conjunto de valores, crenças etc. a que fizemos referência produz outra questão: como lidar com aqueles(as) que não respondem ao estabelecido como normal/saudável? Predominantemente, a existência de pessoas – inúmeras pessoas – que não correspondem à regra, mais tem servido

para pensar políticas de conformação à regra do que para fazer pensar e reconstruir ou abolir a própria regra. Aqui temos, explicitamente, um desafio: trabalhar na perspectiva do desvio ou da diferença – parafraseando Canguilhem.¹

O movimento de profissionais contra a medicalização da vida relaciona-se a um projeto de construção de modos de atuação profissional que se comprometam com a ruptura da lógica de culpabilização do sujeito por ser quem ele pode ser, com a vida concreta que tem, considerada sua específica história. Em nenhum momento se trata de diminuir o sofrimento vivido pelas pessoas que se percebem em não conformidade com aquilo que foi estabelecido como normal e/ou saudável. Em nenhum momento se trata de cair em um relativismo científico e moral em que “tudo vale”. Mas, a todo momento, trata-se sim de reconhecer que os sofrimentos individuais se constroem a partir das relações, das condições de vida, da maneira como acolhemos ou afastamos as pessoas que não se (con)formam.

Uma provocação sobre as formas de viver

Uma criança pode não suportar manter-se sentada durante o período de aula; um adolescente pode não conseguir se concentrar sequer cinco minutos nos estudos; uma travesti pode preferir permanecer em casa, dormindo incessantemente, do que enfrentar a procura por um trabalho vestindo trajes que a fazem se sentir despersonalizada; um homem de meia idade pode preferir tomar pílulas para dormir a ter que enfrentar as noites em claro se martirizando por não conseguir sair de seu trabalho atual, que julga tão penoso; uma mulher pode não conseguir mais se comprometer com o trabalho de educadora, pois já se sente absolutamente incapaz de construir uma relação diferente na escola em que trabalha. Desatenção, depressão, ansiedade, *burn out*, pânico, transtornos, síndromes, doenças. Expressões concretas do impacto violento de nossas formas de viver sobre corpos e subjetividades.

1. Canguilhem, Georges (2000) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

As expressões são concretas e aparecem em cada um(a) de nós e em todos(as) nós. Voltando ao início, o movimento de luta contra a medicalização vem criando estratégias para criar campos de pensamento e intervenção que considerem as manifestações individuais de inadequação /não conformidade/ilegalidade como expressão de construções sociais fundamentadas em uma lógica unificadora.

Pessoas sofrem por inúmeros motivos, e isso implica a necessária construção de diferentes formas de atenção, a partir de diversas políticas como Saúde, Educação, Justiça, Assistência Social, Trabalho... Constituir tais formas de atenção é, essencialmente, abdicar da pretensão de neutralidade, assumindo um exercício científico posicionado politicamente, posto que precisamos avançar na construção participativa na elaboração, análise, decisão e proposição das maneiras de se reconhecer e acolher a diversidade humana.

Por fim, quando imputamos o sofrimento ao sujeito como um trabalho único e exclusivo dele e sobre ele, temos que considerar quais formas de viver a vida e, sobretudo, quais formas de explicar, viver e transcender o sofrimento estamos produzindo.

Este livro reflete sobre campos científicos e compartilha tecnologias que visam à restituição do compromisso dos(as) profissionais que atendem a crianças, adolescentes e jovens com a promoção de práticas subjetivantes. Tais práticas, ao invés de aderirem à patologização das expressões do humano, por meio da espetacularização das particularidades, visam resgatar um valor central em nosso projeto societário, o reconhecimento da singularidade, em suas conexões com a universalidade da espécie humana.

Carla Biancha Angelucci

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (gestão 2010-2013)

Universidade Presbiteriana Mackenzie

APRESENTAÇÃO

Os processos de medicalização e patologização da vida e da política são crescentes no mundo contemporâneo, assumindo proporções que conseguem nos surpreender – e até assustar – novamente, a cada dia.

As tentativas de padronização e homogeneização da vida avançam mais e mais, buscando eliminar, pela estigmatização, os diferentes modos de ser, agir, reagir, sentir, afetar, ser afetado, aprender, lidar com os saberes já aprendidos, questionar, sonhar, se expressar... Busca-se silenciar e ocultar conflitos, sofrimentos de diferentes ordens, fantasias, utopias, discordâncias, questionamentos. As possibilidades de construir futuros diferentes ficam mais difíceis...

As diferenças que caracterizam e enriquecem a humanidade são tornadas *transtornos*. Desigualdades são escamoteadas, transformadas em *doenças*. As questões coletivas, de ordem política, social, econômica, cultural, afetiva, que afligem milhões de pessoas, são transformadas em individuais e reapresentadas como *doenças, transtornos, distúrbios*. Problemas políticos são tornados biológicos, inatos à pessoa.

A pessoa e sua família, que já sofrem a exclusão decorrente dos estigmas e preconceitos e da culpabilização, sofrem então uma segunda exclusão, agora disfarçada de inclusão: a da doença. A *culpa* por ser diferente ou ter um filho diferente é, assim, transformada em *culpa genética*.

Essa biologização da vida se embasa em concepção positivista e determinista e se alicerça em um paradigma que deveríamos chamar de *antibiológico*. Lembremos que a biologia é o campo da ciência que estuda a

vida e reconhece que irregularidades e imprevisibilidade são características marcantes da vida, de todo e qualquer organismo vivo, de todo e qualquer processo vital. Uma concepção que pretende que todos os aspectos da vida seriam determinados por estruturas biológicas que não interagiriam com o ambiente, retira do cenário todos os processos e fenômenos característicos da vida em si, e em especial da vida em sociedade, como a historicidade, a cultura, a organização social com suas desigualdades de inserção e de acesso, valores, afetos... Essa redução da vida, em toda sua complexidade e diversidade, a apenas um de seus aspectos – células e órgãos, tornados estáticos e deterministas – tem sido chamada de *biologização da vida*.

Pois bem, propomos aqui nos reapropriarmos da biologia e denominar corretamente essa aniquilação da vida: *antibiologização da vida!*

Reduzida a vida a um substrato antibiológico, o futuro ficaria irremediável e irreversivelmente determinado desde o início; está pronto o terreno para a medicalização. Ressaltamos que medicalização e reducionismo estão inscritos no paradigma positivista de medicina.

Ao ser a primeira ciência sobre os seres humanos a se constituir como ciência moderna, a medicina se constitui, por sua vez, em modelo epistemológico para as ciências do homem. Daí decorre que os processos de medicalização da vida são concretizados por profissionais da medicina, da psicologia, da educação, da fonoaudiologia, do direito; enfim de todas as áreas quando pensam e atuam em conformidade com o positivismo. Por esse motivo, as expressões medicalização e patologização têm sido amplamente utilizadas como sinônimos.

A patologização naturaliza a vida. No mundo da natureza, processos e fenômenos obedecem a leis naturais; aí não existem direitos, apenas *leis*, do mais forte, do mais veloz, do mais ágil. Direitos são uma construção histórica do mundo humano, conquista de homens e mulheres ao longo do tempo, pela qual milhões morreram e continuam morrendo por sua consolidação. Ao naturalizar todos os processos e relações socialmente constituídos, a medicalização desconstrói direitos humanos.

A medicalização da vida de crianças e adolescentes ocorre especialmente nos campos da aprendizagem e do comportamento, com a invenção das *doenças do não-aprender* e das *doenças do não-se-comportar*.

Tudo se passa como se os graves – e crônicos – problemas do sistema educacional e da vida em sociedade fossem decorrentes de doenças e que seriam resolvidos pelo campo da saúde; cria-se um círculo vicioso, em que a demanda assim construída amplia a patologização, que aumenta a demanda por serviços de saúde, que amplia ainda mais a patologização, que...

A medicalização do campo educacional assumiu, e ainda assume, diversas faces no passado recente, alicerçando preconceitos racistas sobre a inferioridade dos negros e do povo brasileiro, porque mestiço; posteriormente, a inferioridade intelectual da classe trabalhadora foi pretensamente explicada pelo estereótipo do Jeca Tatu, produzido pela união de desnutrição, verminose, anemia. A psicologia diferencial e a psicometria têm sido outros importantes alicerces da patologização.

A partir dos anos 1980, ocorre a progressiva ocupação desse espaço por pretensas disfunções neurológicas, a tal ponto que hoje a quase totalidade dos discursos patologizantes referem-se a doenças neurológicas e/ou psiquiátricas – eufemisticamente denominadas transtornos –, entre os quais ressaltam a dislexia, o Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e, mais recentemente o Transtorno Opositor Desafiante (TOD) e o espectro autista.

Uma vez classificadas como *doentes*, as pessoas tornam-se *pacientes* e consequentemente *consumidoras* de tratamentos, terapias e medicamentos, que transformam o próprio corpo e a mente em origem dos problemas que, na lógica patologizante, deveriam ser sanados individualmente. As pessoas é que teriam *problemas*, seriam *disfuncionais* pois *não se adaptam*, seriam *doentes* pois *não aprendem*, teriam *transtornos* pois *são indisciplinadas*.

Vivemos a *Era dos Transtornos*, em que os interesses que alavancam os processos medicalizantes ampliam seus tentáculos. Vivemos a *Era do Biopoder*, em que todos somos *bioconsumidores*.

Hoje, esse processo, vem, de modo crescente, se articulando à judicialização das relações, dos conflitos e dificuldades que permeiam o viver em sociedade; o passo seguinte, que vem sendo atingido com grande facilidade, consiste na criminalização das diferenças, das utopias e dos questionamentos à ordem estabelecida.

A aprendizagem e os modos de ser e agir – campos de grande complexidade e diversidade – têm sido alvos preferenciais desses novos modos de vigiar e punir as diferenças, sonhos, utopias, insatisfações e questionamentos, justamente o amálgama das transformações individuais e coletivas, da superação de preconceitos e desigualdades.

A medicalização tem assim cumprido o papel de controlar e submeter pessoas, abafando questionamentos, desconfortos, conflitos, sofrimentos; cumpre, inclusive, o papel ainda mais perverso de ocultar violências físicas e psicológicas, transformando as vítimas em *portadores de distúrbios de comportamento e de aprendizagem*.

Nesse contexto, desde os anos 1970, pesquisadores brasileiros de diferentes áreas da saúde e da educação vem estudando esses processos de patologização da vida, difundindo críticas e possibilidades diferentes, em periódicos científicos e na formação dos futuros profissionais. Sempre enfrentando dificuldades, por assumirem concepções contra-hegemônicas, mas construindo caminhos e possibilidades.

A ampliação da abrangência dos processos medicalizantes, tanto no Brasil como no exterior, criou a necessidade e a possibilidade de articulações entre profissionais, entidades acadêmicas e de classe, e pessoas envolvidas com a discussão, a crítica e a superação dessa situação.

É nesse contexto que, em 2010, foi criado o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade.

Desde sua fundação, o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade tem por princípios fundamentais a crítica e enfrentamento dos processos de patologização da vida e da política e o acolhimento das pessoas que sofrem e vivenciam esses processos, na defesa intransigente das diferenças e no combate radical das desigualdades.

Constituído como um movimento agregador de pessoas e articulador de propostas e ações, o Fórum vem, desde sua criação, discutindo e socializando conhecimentos acadêmicos, que embasam a crítica à medicalização da vida e da política.

Este movimento vem se ampliando, abrangendo várias regiões do país, com a criação de núcleos regionais – vários já consolidados e muito ativos –, e muitos outros em processo de constituição.

Em 2012, em decorrência da intensa atuação do Fórum, foi aprovada na cidade de São Paulo uma lei instituindo 11 de novembro como Dia Municipal de Luta contra a Medicalização da Vida. Essa iniciativa vem se difundindo por outras cidades, em busca de conquistas semelhantes.

O Fórum e os núcleos têm realizado vários eventos, devendo ser ressaltados três, por seu caráter internacional.

O I Seminário Internacional Educação Medicalizada: “Dislexia, TDAH e outros supostos transtornos” foi realizado em São Paulo no período de 11 a 13 de novembro de 2010. Além das apresentações de renomados pesquisadores brasileiros, de diferentes áreas, a participação de estudiosos estrangeiros possibilitou, além do intercâmbio acadêmico, a percepção de que o Fórum se inscreve em um movimento internacional de crítica à patologização da vida. Em torno de mil profissionais e estudantes participaram do Seminário, assistindo suas conferências, mesas redondas, cursos e atividades culturais.

O II Seminário Internacional Educação Medicalizada: “Dislexia, TDAH e outros supostos transtornos. Novas capturas, antigos diagnósticos na Era dos Transtornos” ocorreu entre 11 e 14 de novembro de 2011, em São Paulo, com quase 2.000 inscritos, além da transmissão via web. Nessa edição do Seminário, um maior número de pesquisadores de diferentes áreas (medicina, psicologia, fonoaudiologia, educação, linguística) do Brasil, Argentina, Estados Unidos da América, Portugal e Uruguai apresentaram suas pesquisas em conferências, mesas redondas e cursos. Atividades culturais inseridas no tema permearam todo o evento.

O I Simpósio Internacional e I Simpósio Baiano “Medicalização da Educação e da Sociedade: Ciência ou Mito?” foi realizado em Salvador, pelo Núcleo Bahia do Fórum, no período de 29 a 31 de maio de 2012, com grande repercussão, inclusive na mídia, e mais de 1.000 inscritos. Mais uma vez, a competência e renome dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros participantes foram marcantes, como sempre tem acontecido em todos os eventos promovidos pelo Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade.

Em julho de 2013, o Fórum realizará, em São Paulo, o III Seminário Internacional “Educação Medicalizada: Reconhecer e Acolher as Diferenças.”

A partir de suas apresentações no II Seminário Internacional, os palestrantes elaboraram textos e os disponibilizaram para o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade.

Este material é agora tornado acessível a todos os interessados, neste livro.

Enfatizamos que este livro é produto do trabalho do Fórum. Nós apenas o organizamos.

As organizadoras
Campinas, abril de 2013